

# Do património arquitectónico ao património literário: a quinta de Nossa Senhora do Amparo em Romarigães

**ANA MARIA TAVARES MARTINS**

Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, Universidade da Beira Interior  
amtfm@ubi.pt

**MAFALDA TEIXEIRA DE SAMPAYO**

Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE/IUL)  
mgts@iscte.pt

## RESUMO

A Quinta de Nossa Senhora da Amparo, localizada em Romarigães, Paredes de Coura, foi imortalizada no romance/crónica ou crónica romanceada, de Aquilino Ribeiro, intitulada *A Casa Grande de Romarigães*. O edificado característico da nobreza rural é composto por casa solarenga, igreja e anexos, actualmente classificado como Imóvel de Interesse Público. Não podemos deixar de repetir que a obra-prima do Mestre Aquilino captou o espírito daquele espaço, a sua identidade rural, a natureza no seu todo e as suas gentes, a civilização e a cultura de várias gerações de um Portugal Antigo, de que Quinta de Nossa Senhora do Amparo pode ser considerada mais um ícone. Debater-nos-emos aqui entre os conceitos de espaço natural e construído e de território literário e, portanto, também artístico, logo, objeto do nosso trabalho.

## PALAVRAS-CHAVE

Património, Arquitectura, Literatura, Romarigães, Minho

## ABSTRACT

Nossa Senhora do Amparo Farm, located in Romarigães, Paredes de Coura, was immortalised in the novel/chronicle or romanticised chronicle, by Aquilino Ribeiro, entitled *A Casa Grande de Romarigães*. The building compound characteristic of the rural nobility is composed of a manor-house, church and its adjoining buildings, currently classified as Public Interest Building. One cannot cease to repeat that

Aquilino's masterpiece captured the spirit of that space, its rural identity, nature in its splendor as well as its people, the civilization and culture of various generations of an Ancient Portugal, of which Nossa Senhora do Amparo Farm can be considered yet another icon. We shall here debate the concepts of natural and constructed space together with the literary and, therefore, also artistic territory, thus constituting the object of our work.

#### KEY-WORDS

Heritage, Architecture, Literature, Romarigães, Minho

#### INTRODUÇÃO

A construção inicial da Quinta de Nossa Senhora do Amparo data do século XVII. No século XIX, a propriedade foi arrematada em hasta pública, por via judicial, pelo Conselheiro Miguel Dantas Gonçalves Pereira. Esta casa coube ao escritor Aquilino Ribeiro através de partilhas, por via da sua esposa, descendente do referido Conselheiro. Lentamente, Aquilino Ribeiro reabilitou a Quinta de Nossa Senhora do Amparo, resgatando-a da ruína. O escritor passou a dividir o seu coração entre a “sua” Soutosa, das Beiras, e o Minho da “sua” Romarigães, dois ambientes dotados de uma contextualização marcante e ímpar (Fig. 1). José Saramago esteve em Romarigães na sua *Viagem a Portugal* à procura de lugares literários e a fazê-los assim (Saramago 1995: 50).



A



B

Fig.1 – Antigo pátio minhoto da Quinta de Nossa Senhora do Amparo, Romarigães (Paredes de Coura) segundo fotografia da época (A); Pátio beirão da Casa de Aquilino Ribeiro, actual Fundação Aquilino

Ribeiro, Soutosa (Moimenta da Beira) da autoria do Mestre Jorge Braga da Costa, cedido pelo autor (B)  
[arquivo das autoras]

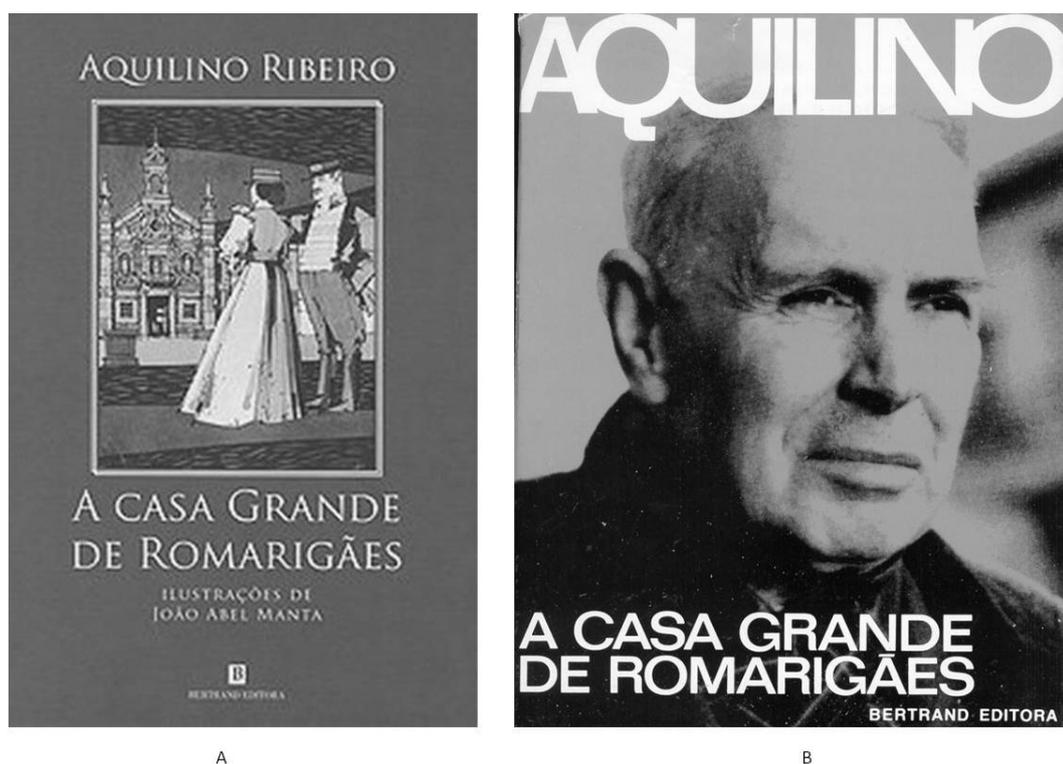


Fig. 2 – Capa da re-edição da obra “A Casa Grande de Romarigães” com desenho de João Abel Manta (A); Capa de edição da obra “A Casa Grande de Romarigães” (B) [arquivo das autoras]

Foi em 1957 que Aquilino Ribeiro publicou “*A Casa Grande de Romarigães*” (Fig. 2), numa altura em que, depois de herdar por via matrimonial, a Quinta de Nossa Senhora do Amparo, em Romarigães, Paredes de Coura, se apaixonou pelo local, tendo procurado recuperar tal património que já então se encontrava em decadência acelerada. Mas os elevados custos e a sua morte em 1963 deitaram por terra todos esses sonhos. A obra literária foi, no entanto, um sucesso. A Quinta de Nossa Senhora do Amparo, que inspirou Aquilino, foi um solar de nobreza rural (Fig. 3). A construção inicial data do século XVII, e constitui um vínculo da família de Gonçalo da Cunha. Em 1891, foi a mesma propriedade arrematada em hasta pública, por via judicial, pelo Conselheiro Miguel Dantas Gonçalves Pereira (1836-1905), natural de Mantelães, Formariz, casado

em primeiras núpcias com Bernardina Maria da Silva (1840-1866), de cujo matrimónio nasceu Elzira Dantas Machado (1865-1942). Esta por sua vez casou, em 1882, com o Dr. Bernardino Luís Machado Guimarães (1851-1944), que viria a ser Presidente da República, sendo exilado em 1926, pela Ditadura Militar. Deste matrimónio, houve uma imensa prole de 19 filhos, entre os quais, Jerónima Rosa Dantas Machado Guimarães Ribeiro (1897-1987), que viria a casar, em 1929, com Aquilino Ribeiro. Por via de partilhas, desde os anos 50 que a Quinta da Senhora do Amparo era do casal Jerónima – Aquilino tendo passado posteriormente para a posse do Eng.º Aquilino Ribeiro Machado recentemente falecido (1930-2012).



Fig. 3 – Quinta de Nossa Senhora do Amparo / Casa Grande de Romarigães, vista da Estrada Municipal 1076 (arquivo das autoras)

Tendo-se já iniciado no romance de temática histórica, entre outras obras, com *Aventura maravilhosa de D. Sebastião, Rei de Portugal, depois da batalha com o Miramolim* (1936), em que aborda o século XVI, Aquilino Ribeiro constrói uma outra peça ainda de mais largo fôlego em que preenche os séculos imediatos. De facto, o romance *A Casa Grande de Romarigães* (1947) deve ser considerado uma obra-prima da literatura portuguesa. Antes de a compor, o seu autor aprofundou o estudo dos séculos XVII e XVIII, tendo cedo traduzido e prefaciado a edição de *A Recreação Periódica* do célebre *Cavaleiro de Oliveira* (1702-1783), quando trabalhava na Biblioteca Nacional em 1922. Seguramente, manuseou, entretanto, o extenso manual de conduta

religiosa da autoria de um dominicano de nome João Franco e intitulado *Mestre da Vida, que ensina a viver e morrer santamente*, que cita no prefácio de *A Casa Grande de Romarigães*. Com um espaço natural riquíssimo, o ambiente do Alto Minho, onde fora construída aquela antiga quinta, tinha tudo quanto era necessário para se constituir um romance geracional e verosímil, em que o Portugal Antigo fosse retratado e que Aquilino Ribeiro conhecia bem pelos seus estudos. No entanto, na forma como o faz Almeida Garrett no *Arco de Santana*, o mestre Aquilino quis forçar essa ambiência com um prefácio arguto em que invoca ter encontrado alguns cadernos manuscritos que conteriam o essencial da narrativa a que juntamos algumas notas:

“Um deles, dobrado longitudinalmente, teria a sua centena de páginas e envolvia-se numa capa de pergaminho que inculcava já uma respeitável vetustez. O rótulo, em largos caracteres floreados, tinta cor de ferrugem, advertia, esmaecida mas verbosamente, do teor: *Livro que há-de servir ao assentamento das coisas notáveis que assucederam na Casa Grande de Romarigães, também chamada Quinta de Nossa Senhora do Emparo*. Com um epítome da origem, fundação, sítio e nobilíssima árvore de seus morgados, pelo Pe. Sebastião Mendrugo, da Casa da Cachada, e seu capelão. Ano da Graça de 1680. Deitei um olho ocioso ao palimpsesto, depois de tomar conhecimento do título. Por pouco não permiti que as raparigas do caseiro lhe esfarrapassem as páginas para envoltório dos fusos, quando fiam na roca. Decifrando aqui uns períodos, além outros numa caligrafia que obedecia a um sentido interior geométrico muito outro dos nossos dias, para mais a esvaír-se no papel de trapo, amarelento e manchado, perguntei-me em que nos podia interessar a vida de fidalgos como tantos mais. De facto crónicas deste jaez nem sempre são o mais edificante. Mas era enternecedora a simplicidade com que o historiógrafo memorava os serões gastos, até altas horas, espírito tendido sobre a pena de pato como o lavrador sobre a rabiça, olhos a doerem-lhe da chama reverberada pelo latão no candeeiro de três bicos. Foi este sentido de cortesia, que as pessoas idosas têm por tudo o que ocupa um lugar no mundo e significa acender-se em suas almas a luz da piedade, que o salvou. O relato do reverendo Mendrugo estendia-se por altas e compactas laudas, verdade seja que numa letra encadeada, dentro de cujos arabescos cabiam períodos inteiros de Lima Bezerra, que discorreu por esta corda, e costumava fazê-los extensos como léguas” (Ribeiro 2008: 5-6). Não há notícia de qualquer do reverendo Mendrugo fora da obra de Aquilino, mas sim das obras de cirurgia de Manuel Gomes de Lima Bezerra (1727-1806) que de facto Aquilino conhece pelos seus estudos do século XVIII.

“O outro manuscrito, em letra especiosamente torneada, chamava-se *Vida de D. Luís António de Antas e Meneses, sargento-mor de Milícias e procurador às Cortes de 1828*. Ao que se depreendia do estilo abundante em ciência heráldica e genealógica, era obra dum linhagista do Alto Minho, tão amigo de Deus e do rei como inimigo dos ‘malhados’, o senhor Manuel Afonso de Venade. A sua personalidade de cronista meticulosamente fidedigno, em dia com a pátria e o seu partido, ressaltava do esmero com que arredondava a pança garrafal das letras e lhes projectava as hastes para o zénite. Em suma, na caligrafia, ora direita como lanças, ora cheia e empolada como cabaças, pintava-se o homem como dizem que sucede aos pintores quando fazem retratos. Uma fé, ora hirsuta, ora serena e espapaçada, exalava-se da prosa que só a copeira esotérica da Casa Grande permitira furtar às auras do liberalismo triunfante.” (Ribeiro 2008: 6). Também não há referência deste Manuel Afonso de Venade fora da obra de Aquilino.

“O terceiro caderno tinha ares de copiador. *Copiador de coisas e loisas*, numa escritura igual, muito indolente e de traços farfalhudos como as caneiras de milho desta comarca frumentosa. Era o vasto repositório numa ciscalhada inominável, anedotas, documentos tabelionares, censuras a livros pelo Pe José Agostinho de Macedo, sinal de que o escriba propendia para literato, e até cartas de amor. Estas estadeavam num título autónomo dentro do vasto armazém de ferro-velho: *Cartas de dois amantes verdadeiros*. (Ribeiro 2008: 6). Este último título tem correspondência em *A filosofia por amor ou Cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos*, publicado em 1806 em Lisboa.

#### PATRIMONIO ARQUITECTÓNICO VS. PATRIMÓNIO LITERÁRIO: A CASA GRANDE DE ROMARIGÃES

A Quinta de Nossa Senhora do Amparo, outrora Solar dos Menezes e Montenegros, localiza-se em Romarigães, no Concelho de Paredes de Coura, distrito de Viana do Castelo, datando originalmente da época de seiscentos e sendo uma construção característica da arquitectura civil barroca (Fig. 4).



Fig. 4 – Quinta de Nossa Senhora do Amparo / Casa Grande de Romarigães, implantação (A) e vista aérea de conjunto (B) [arquivo das autoras com base em imagens *Virtual Earth*]

O edificado que constitui a quinta é composto pela casa principal, capela e demais anexos de função rural, destaca-se o seu pórtico joanino. O acesso é feito pela Estrada Municipal nº 1076 (Fig. 5).



Fig. 5 – Igreja, portão e núcleo residencial da Quinta de Nossa Senhora do Amparo / Casa Grande de Romarigães (arquivo das autoras)

Este conjunto arquitectónico, além de servir de base para o desenvolvimento da referida crónica romanceada, surge igualmente descrito noutra obra de Aquilino Ribeiro como comprovam as seguintes linhas:

“O solar, com seu pórtico joanino, principesco, as pirâmides esbeltas da capela e a sineira, as duas casas apalaçadas, o canastro mais vasto do concelho – 27 metros de comprimento, pedra e castanho – as suas prolixas dependências, com telhados novos, destaca-se como um núcleo residencial ao centro dos casais.” (Ribeiro 1953)

É um imóvel protegido e classificado tanto pela antiga DGEMN – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais como pelo antigo IPPAR – Instituto do Património Arquitectónico e IGESPAR, I.P. – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I. P.. Na classificação da extinta DGEMN – cujo acervo se encontra no Forte de Sacavém – a Casa da Quinta da Senhora do Amparo, que mais tarde inspiraria a obra de Aquilino Ribeiro, encontra-se Classificada como IIP (Imóvel de Interesse Público) e faz parte do IPA – Inventário do Património Arquitectónico com a referência PT011605190005 correspondendo à designação “Casa Grande de Romarigães incluindo a casa, anexos de função rural e capela do Amparo”. No que corresponde ao extinto IPPAR e IGESPAR (agora integrado na Direcção-Geral do Património Cultural - DGPC), a sua protecção é evidentemente idêntica, apresenta-se como IIP (Imóvel de Interesse Público), publicado através do Decreto nº 1/86 de 3 de Janeiro de 1986, e encontra-se designada por “Casa Grande de Romarigães”.



Fig. 6 – Igreja da Quinta de Nossa Senhora do Amparo / Casa Grande de Romarigães – detalhes da fachada e alçados laterais (arquivo das autoras)

As razões apontadas, para o pedido de classificação da “Casa Grande de Romarigães”, pelo Gabinete de Apoio Técnico ao Agrupamento de Concelhos – Vale do Minho, em 1982, prende-se essencialmente com dois motivos fundamentais e de ordem distinta. Por um lado, a memória colectiva do povo português uma vez que:

“Para além de ter pertencido a Aquilino Ribeiro (...), a Casa Grande foi o ‘leit-motiv’ duma célebre narrativa romanceada que hoje é considerada como do melhor da produção desse autor, adquirindo assim um significado cultural paralelo, por exemplo, à Quinta de Tormes de Eça de Queiróz ou a Vale de Lobos de Herculano” (Gabinete de apoio técnico ao agrupamento dos concelhos - Vale do Minho 1982: s/p.)

Por outro lado, destaca-se a qualidade arquitectónica da capela da casa, de planta longitudinal, que adquire uma posição de destaque em relação ao restante edificado (Fig. 6). Deste modo, a Quinta de Nossa Senhora do Amparo é actualmente Património Arquitectónico, classificado e protegido, mas também faz parte daquilo a que hoje se dá cada vez mais importância, o Património Intangível. Isto é, todo aquele Património que se insere na memória de um País, seja ele arquitectónico ou literário, seja de pedra firme transformada em marco histórico-cultural, seja da memória intangível que vive na obra de Aquilino Ribeiro e que é devolvida à vida cada vez que percorremos as linhas traçadas pelo punho de Aquilino e sintetizadas pelos seus olhos e pela sua emoção estética perante este pedaço de Património que faz parte da cultura nacional. Daí, ser curioso o facto de que as entidades, que têm vindo a gerir e a classificar o património português, cataloguem esta casa e seus elementos anexos não por Quinta do Amparo, mas por “Casa Grande de Romarigães”.



Fig. 7 – Quinta de Nossa Senhora do Amparo / Casa Grande de Romarigães – edificado anexo à capela, armas sobre o frontão do portal, edificado que se encontra dianteiro à capela e que no seu conjunto conformam o pátio interior referido no texto. (arquivo das autoras)

Do conjunto original, resta sobretudo a Capela. Existem duas construções de dois pisos, uma anexa à capela e outra em face desta que, conjuntamente com o portal, que apresenta as armas da família proprietária, e o muro, onde este se insere e

adossa ao edificado, conformam o pátio interior da propriedade que em si possui parte do valor arquitectónico do conjunto (Fig. 7). No que respeita à sua concepção e construção, as edificações da Quinta do Amparo foram inicialmente concebidas e realizadas por mestres de cantaria, provenientes de Azurara e de Barcelos, durante a época de Seiscentos. Por volta de 1700, é edificada a Capela consagrada a Nossa Senhora do Amparo, destacando-se do conjunto, pela sua exuberante e prolífera decoração, próxima do rococó. Já na época de Oitocentos, houve nova intervenção em todo o conjunto edificado, desta vez com a participação de arquitectos procedentes de Pontevedra (Martins 2007: 143). Quando, na década de cinquenta, do século XX, a propriedade passou, por via de herança, para Aquilino Ribeiro, porque as edificações se encontravam muito degradadas (Fig. 8), resolveu o escritor proceder a obras de recuperação tal como o próprio refere na sua obra:

“Quando se procedeu ao restauro da Casa Grande, que foi solar dos Meneses e Montenegros, houve que demolir paredes de côvado e meio de bitola em que há um século lavrava a ruína, ocasionando-lhes fendas por onde entravam os andorinhões de asas abertas e desníveis com tal bojo que a derrocada parecia por horas” (Ribeiro 2008: 5).



Fig. 8 – Quinta de Nossa Senhora do Amparo / Casa Grande de Romarigães – alguns aspectos do estado de conservação do edificado ao longo do tempo (arquivo das autoras)

Do conjunto arquitectónico que constitui a Quinta de Nossa Senhora do Amparo / Casa Grande de Romarigães destaca-se um outro elemento que caracterizava também o dia-a-dia das gentes de Romarigães: a cozinha e o monumental espigueiro tal como refere Júlio Cruz valendo-se de algumas citações retiradas da obra de Aquilino Ribeiro:

“Na Quinta do Amparo havia ‘uma cozinha de lajedo e chaminé de barretina, compreendendo lareira, armários, dois fornos em que se podia assar, ao estilo das comunidades conventuais, um boi no espeto’. (...) Era assim a Casa Grande de Romarigães inesgotável em produtos de horta e salgadeira, o espigueiro ‘chapelão de larga aba, soleira de granito tão grande que não haverá maior na frumentosa comarca interamundense, lá está com os seus trinta metros de comprimento lauto e garboso, verdadeiro templo de Ceres’ e na adega ‘não havia pipó, nem pipa que tocasse a vazio’” (Cruz 2007: 144).

Deste modo, o edificado tornou-se um legado patrimonial ímpar (Fig. 9). Se por um lado deve ser encarado como património arquitectónico, por outro deve ser encarado como património literário e até mesmo como património intangível, uma vez que capta as memórias das vivências de uma época.



Fig. 9 – Quinta de Nossa Senhora do Amparo / Casa Grande de Romarigães – alguns detalhes (arquivo das autoras)

Consequentemente pode-se afirmar que a literatura deu vida a esta casa servindo igualmente de apelo pelo que de bom temos neste nosso País. Seja a nível Patrimonial, Cultural, Arquitectónico, Literário e Humano cruzando-se todos estes elementos na pessoa de Aquilino Ribeiro, sendo ele o meio pelo qual este património, inicialmente arquitectónico, se torna património intangível vivendo e revivendo na memória de cada leitor de “A Grande Casa de Romarigães”. É sempre gratificador lembrar o artigo 9º da Carta Europeia do Património Arquitectónico, ainda que um pouco fora do seu contexto inicial: “Cada geração tem só uma vida para se interessar por este património e é responsável de o transmitir às gerações futuras”.



Fig. 10 – Retrato do escritor Aquilino Ribeiro da autoria do Mestre Jorge Braga da Costa (cedido pelo autor, arquivo das autoras)

De certo modo, Aquilino Ribeiro (Fig. 10) ao escrever “A Casa Grande de Romarigães” foi precisamente isto que fez, foi o responsável máximo da transmissão deste legado patrimonial, não só arquitectónico como cultural e literário, às gerações futuras dando-lhe a força da História:

“(…) as últimas e extravagantes páginas do livro são de minha lavra. As outras, sacudi o bolor do tempo e reatei o fio de Ariadna, interrompido aqui e além. (...) Em matéria de estilo, a minha pena passou por cima como o ferro de engomar eléctrico na camisa quando volta do estendedeiro. Vamos com o Seráfico, se algum dia houve escrivão da paridade mais fiel ao assunto e às fontes históricas, que me cortem a mão que o atraçouu.

Todavia quero confessar os meus pecados. Um confrade, académico de Argamasilha ou lente de Coimbra, já não sei bem, a quem li alguns capítulos deste livro, exclamou, mais que judicioso, salomónico de todo:

- Mas afinal o que V. fez foi um romance...

- Um romance? Deus me livre! A minha ambição foi bem outra. Isto é monografia, história local, história romanceada, se quiser, agora novela, abrenúncio! Mal de mim se escorreguei para tais enredos e labirintos. No romance o escritor escolhe os episódios; na história, são os episódios que se lhe vêm oferecer.

Estão tabelados, não há que lhes fugir. Ora o que eu tentei foi desempoeirar velhos e particularíssimos sucessos que, de resto, pouco pesaram na marcha do mundo. Romance...!? Se me saiu romance, aconteceu-me a mesma coisa que a um triste e tosco carpinteiro dos meus sítios, de quem toda agente zombava, decerto por milagre de ser fadado do Espírito Santo: estava afazer um gamelo para o cão e saiu-lhe uma viola.” (Ribeiro 2008: 7).

## CONCLUSÕES

Esta é a “Casa Grande de Romarigães”, descrita ao sabor da pena do escritor e claramente um marco histórico-cultural da arquitectura senhorial minhota. A dicotomia: Quinta de Nossa Senhora do Amparo vs. “Casa Grande de Romarigães” assenta em distintas construções. Por um lado apresenta-se a construção espacial do edificado, segundo os gostos e os estilos da época, e por outro a construção literária segundo as vivências de uma época, partindo dos factos históricos, hábitos e memórias. Esta é a construção de um Património, de um marco histórico-cultural, que deve ser divulgado e acarinhado pois, segundo a carta Europeia do Património, apenas temos uma vida para o divulgar às gerações futuras. Este trabalho procurou destacar a possibilidade de um bem patrimonial o poder ser em mais do que uma vertente, tornando-se assim um marco histórico-cultural não só a nível arquitectónico como também literário.



Fig. 11 – Quinta de Nossa Senhora do Amparo / Casa Grande de Romarigães (arquivo das autoras)

## BIBLIOGRAFIA

CRUZ, Júlio (2007). A Gastronomia da “Casa Grande de Romarigães”. In *Aquilino Ribeiro – um genial escritor português*. Coord. Júlio Cruz. Viseu: Ed. AVIS.

GABINETE DE APOIO TÉCNICO AO AGRUPAMENTO DOS CONCELHOS - VALE DO MINHO (1982). Classificação da “Casa Grande de Romarigães” – Memória descritiva e justificativa. Paredes de Coura: texto inédito policopiado.

MARTINS, Ana Maria Tavares (2007). Nos 50 anos de “A Casa Grande de Romarigães”. In *Aquilino Ribeiro – um genial escritor português*. Coord. Júlio Cruz. Viseu: Ed. AVIS.

MATEUS, Isabel Cristina (1996). *Uma secreta ironia: a construção de A Casa Grande de Romarigães*. In *Cadernos Aquilinos*. N.º 3. Viseu: CEAR - Centro de Estudos Aquilino Ribeiro.

RIBEIRO, Aquilino (2008). *A Casa Grande de Romarigães*. 3ª Ed. Lisboa: Bertrand Editora.

RIBEIRO, Aquilino (1953). *Arcas Encoiradas*. Lisboa: Bertrand Editora.

Saramago, José (1995 [1981]). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.

SIPA (IHRU). PT011605190005: Casa Grande de Romarigães incluindo a casa, anexos de função rural e capela do Amparo [consulta efectuada pela última vez, em 2 de Dezembro de 2011 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém].